

## O mármore e o poro (A linguagem do analítico e a escuta do analista)

“Na Psicanálise, contudo, gostamos de nos manter em contato com o modo popular de pensar e preferimos tornar seus conceitos cientificamente úteis, de preferência, a rejeitá-los”  
(Freud, S – “A questão da análise leiga”, 1926)

Uma prática que deve ser realizada pelo analista, é a de atender aos parâmetros do conservadorismo, pois revelam onde se encontra fixado o gozo que se caracteriza como inclinado pelo registro temporal do que é interminável. Nesse caso, trata-se do registro que envolve o gozo do Outro. É o fato de se considerar que o tradicionalismo deve ser torcido pela linguagem do analítico, mas também ser escutado em sua capacidade de produzir ações definidoras na formação subjetiva e nas constituições de agrupamentos formalizados numa comunidade.

O tradicionalismo institucional está presente em toda a forma de agrupamento que existe em função de alguma tarefa regular ou algum hábito repetido infinitamente. No entanto, apesar dessa regra geral, cada grupo pode encontrar os passos que o especifique, diferenciando-o dos outros que estão a sua volta. Em termos dessa distinção, existem várias assertivas sobre a formação do analista, as quais envolvem o seu lidar com a clínica, com a teoria sobre o analítico e com os agrupamentos formados por conta da causa freudiana. Nos três casos, é preciso escutar os hábitos, no sentido de fazê-los inclinados no mesmo ângulo da prática do analista. Assim, o mero repúdio ao tradicionalismo pode gerar uma posição só aparentemente diversa da anterior.

Para realizar uma tal torção proveniente do analítico, é preciso que o analista considere o hábito repetitivo como a primeira margem necessária para abordar as principais assertivas sobre a sua formação. A respeito dessas colocações, adiante serão mostradas as três principais ações que são relacionadas ao percurso em função do analítico. São as ações que acompanham o que Freud afirmou como práticas impossíveis de ocorrer em sua total expressão. A seguir, elas serão imersas no meio onde operam as forças da borromeanidade. Nesse sentido, serão apresentados alguns aspectos da literatura kafkiana, levando-os à análise sobre o lugar do simbólico na constituição da linguagem do analítico, tendo em vista a escuta do analista.

### As três ações impossíveis

Uma das mais importantes assertivas é a que versa sobre o tanto que os analistas necessitam de uma formação teórica, relativa ao texto sobre o analítico, pois devem ser os seus mais atentos leitores, considerando a perspectiva concernente ao modo de ensinar a Psicanálise. A esse respeito, é de uso habitual serem criadas formas variadas de se ler o analítico, sempre destacando que essa amplitude se dá, mas também respeitando a porosidade do resto ou objeto

pequeno “a”. Assim, ensinar o analítico é algo que deve indicar o sentido paradoxal do não se poder dizer o que causa o desejo, constituindo uma evanescência subjetiva difícil de ser mostrada através de um escrito. Daí, Freud qualificou o educar como uma das práticas que sempre recaem no sentido do impossível de acontecer em sua plena referência ao caminho no qual se conduz o aprendiz. No caso, a boa condução relativa ao ensinar não pode ser caracterizada, com toda segurança, por quem professa alguma mensagem.

Uma outra assertiva, envolvendo o percurso de formação dos analistas, é a que incide sobre o lugar da análise pessoal. A concordância está no sentido de colocar esse aspecto como pleno de significação sobre a desenvoltura da escuta inclinada para o analítico. É tanto assim que a análise do analista ocupa um espaço na sua formação como o sonhar está para a vida dos seres humanos. Somente com a própria análise é que o analista se constitui em sua função de escutar o analítico, inserido no discurso de um analisante, de modo equivalente ao fato de todo o ser humano ter sonhos. Entretanto, o que se mostra com essa extrema concordância, também cai numa gestão imponderável. Nesse sentido, não há como colocar parâmetros na análise do analista, semelhantemente ao sonhar, pois ambos têm contato com o espaço do saber em falta.

As referências que Freud desenvolveu sobre esse aspecto, o de curar, estão espalhadas em toda a sua obra. No entanto, mesmo nessa difusão, procurou guardar um ponto invariante, ou seja, o de que só há uma escuta do analítico se o analista já tiver passado pela posição de analisante. Nesse sentido, Lacan enfatizou o tanto que é através da análise pessoal que o analista poderá não contribuir favoravelmente para o aumento da resistência de seu analisante. Por outro lado, ambos colocam vários impasses quanto a qualificação da finitude e da terminalidade de uma análise, pois, não há um ideal de completa analisabilidade.

A terceira implicação mais habitual da formação do analista diz respeito ao seu acesso ao contexto institucional. Algo tão marcante que a governabilidade de cada instituição é uma matéria tratada com o sigilo das conversas feitas no amiar das relações pessoais. Nesse contexto, observa-se um certo acordo quanto a propriedade do analista participar de um agrupamento formal, no qual estão os seus colegas. Todavia, o efeito dessa prática é o hábito de governar, feito de maneira tão segmentada, que ocasionará uma espécie de envoltura que impede o trânsito pela linguagem existente na exterioridade institucional, não adiantando constituir-se de maneira a abranger todos os modos de lidar com a variedade discursiva, na idéia de constituir uma espécie de ecumenismo.

A governabilidade é, pois, tendente a assumir a posição de diminuir, ao máximo, a distância entre o micro e o macrocosmo numa instituição. Assim como um integrante de uma instituição deve ser habilitado para representá-la, esta deverá ser capaz de dar a dimensão fractal da sociedade.<sup>1</sup>

Dessa maneira, qualquer índice de direcionamento para registrar que o tradicionalismo recalca todo fundamento de uma função, como a do analista, é tratado como mais uma medida que se

---

<sup>1</sup> A perspectiva fractal é a da geometria criada por Mandelbrot, relacionada ao fato das partes terem os mesmos qualificativos do todo. É a idéia de um lugar onde estão todos os lugares do todo.

apresenta no intervalo formado pela subjetividade e pela alteridade primordial. Isso ocorre, permitindo que a governabilidade recepcione os vários contornos ideológicos, os quais dão valores diversificados aos relacionamentos entre os analistas. Assim, o governo fica sendo caracterizado como um certo modo de proceder a respeito de hábitos que, de tão repetitivos, passam a não ser questionados. É a exclusão de qualquer contraditório, cuja dimensão está no fato de sempre haver um espaço que separa a representação, e para quem ela é endereçada. Algo que pode ser reduzido pela pergunta “Para quem se governa?”.

A propósito dessa triangulação, envolvendo a análise pessoal (o sonhar), a leitura dos escritos de Freud sobre o analítico (o ensinar) e a participação numa instituição (o governar), os analistas são inclinados a vê-la como algo que concerne ao marmóreo do sintoma e à porosidade do resto, observando a subjetividade como estando no meio dessa bifididade. É o propósito de que essas três ações impossíveis estão presentes em qualquer debate sobre a governabilidade da leitura dos escritos de Freud, observando a natureza da transmissão do analítico, enquanto revelará a inclinação prática que tem o analista e o seu percurso de análise pessoal.

A esse respeito, numa ocasião em que discutia com alguns colegas sobre as dificuldades em ler o analítico nos escritos de Freud, asseverei a importância de só reconhecer o valor de um conceito, de uma noção, relacionados com a Psicanálise, quando apareciam na prática discursiva de uma pessoa em análise. A principal razão disso é a de eles terem sido feitos através e a partir da fala dos analisantes, vindo daí a formalização da via por onde corre o analítico, enquanto qualificativo da Psicanálise. É, portanto, preciso “escutar” o texto de Freud, observando a fonte de onde germinou o seu broto, o qual é expresso no discurso atual de um analisante.

Esse fundamento clínico tem graves repercussões na dimensão que é convocada pela instituição de analistas, assim como na perspectiva que estabelece o ensinar a Psicanálise, pois é a confrontação das três ações explicitadas como integrantes do processo de formação. Trata-se de verificar a inclinação prática do analista, envolvendo a interação entre o curar e o sonhar, imersa no governar institucional e repercutindo na transmissão do analítico. Assim, ao considerar esses aspectos na formação do analista, é necessário vê-los segundo a linguagem do analítico, pois, dessa forma, poderão ser abordados através do ângulo pelo qual se tem alguma visibilidade formal dos seus fatores determinantes para a perspectiva clínica.

A conclusão é de que a visibilidade mais condizente para a formação do analista é a sua inclinação pessoal pendendo para o sonhar. É o que expressa a dependência da linguagem do analítico à escuta clínica do analista, cuja função privilegia a realidade onírica, como habitação para o sujeito do inconsciente.

A linguagem sobre o sonhar

A linguagem do analítico é, assim, a que advém de um analisante, através de seu discurso. Entretanto, não é qualquer domínio lingüístico que mostra o percurso do analítico, mas o inclinado pela transferência, o qual se estrutura com a ação do significante enquanto traço

simbólico na percepção, realizando assim a constituição de um tipo particular de endereçamento. Daí, a linguagem do analítico se refere à escuta do analista, cujo efeito, nos escritos de Freud, é a expansão da Psicanálise, principalmente em termos do conceito de transferência.

O ponto culminante dessa constituição é quando se considera o analítico no sonhar, pois a referida linguagem demanda uma escuta que recepcione o traço na percepção, capitaneado pelos enunciados em torno da expressão de dizer: “eu sonhei”, a qual compõe o termo usado por Lacan (imaginário) para designar o âmbito narcísico que foi caracterizado por Freud. Sendo assim, o que é topológico será encaminhado, a seguir, para o verbo (ação), o qual traduz o fundamento do enodamento borromeano, concernente ao que germina na prática clínica. Enfim, estando no verbo, esse enodamento é escutado pelo analista, porquanto é expresso através do discurso de um analisante inclinado pela transferência no sentido do analítico.

O analítico no sonhar, cuja expressão mais radical é vê-lo como a casa da subjetividade borromeana, também envolve o ensinar, a propósito da maneira de se considerar o material onírico, assim como o governar elaborativo das associações. Em vista disso, o um do imaginário tem que se caracterizar, extensamente, por uma ambição de poder dizer o que foi sonhado, ensinado e governado.

A esse propósito, essas ações podem ser encontradas em várias circunstâncias clínicas. Um exemplo disso ocorreu quando uma senhora, avó de uma menina, juntamente com a mãe desta e a própria criança, chegaram indagando sobre o sentido de comportamentos agressivos atrapalharem o rendimento escolar. Era o que ocorria, no momento, com essa criança. Por conta disso, uma profissional da referida escola indicou a necessidade de irem se consultar com um analista.

Chegaram reunidas pelas mãos dadas, de modo a se apresentarem, em função de minha primeira impressão, como indissociadas. Foi um gesto mantido ao serem convidadas a entrar as três na primeira sessão. Mostraram-se bem satisfeitas, de modo a avó expressar que tinha muita coisa a dizer sobre a neta, reclamando dos profissionais que só quiseram ouvir a criança, pois já haviam ido se consultar com outros analistas. Argumentou, procurando me educar para aceitar um tipo de governabilidade, que era um procedimento inadequado, pois os pais são os que mais sabem sobre os seus filhos. A seguir, ao ver que se colocava como um pai, acrescentou ser a avó a pessoa mais habilitada para apresentar o quadro em que se encontram os netos, pois conhecem a história de seus pais, no caso dela, a história de sua filha. Com isso, foi mantido o tradicionalismo, respeitando o viés da fixação no gozo do Outro, o qual estabelecia a posição subjetiva para com o endereçamento inconsciente. A seguir, sentaram-se em duas cadeiras, de modo a criança ficar alojada no colo de sua mãe.

A avó tomou a palavra de uma maneira franca, retratando a situação considerada como problemática, sempre atribuindo à sua filha a responsabilidade de tudo o que considerava errado. Após um período, dirigi-me à menina, a qual tinha a cabeça abaixada, olhando os seus pés que mexiam ritmicamente, solicitando que falasse sobre algum tópico apresentado. Ela me

encarou, para em seguida olhar para a avó, que prontamente respondeu, explicou e concluiu. Algo tão explícito que a mãe da menina disse que a pergunta deveria ser respondida pela sua filha, e não por ela. A menina olhou para a mãe, sorriu, e voltou-se para a avó, cujas feições tornaram-se cerradas, sob uma testa franzida de raiva.

No interregno feito por um contraditório entre avó e mãe, o qual as colocavam em domínios diferentes, disse que era chegado o momento de conversar a sós com a criança. O referido estado desapareceu rapidamente, mas, diante de minha posição firme, as duas se levantaram, saindo da sala. Também a criança ensaiou uma pequena revolta, finalizada por uma face suplicante, mostrando-se tentada a chorar.

No decorrer da sessão, a menina se desenhou, além das duas mulheres, formando um conjunto bem semelhante ao que observei quando as vi de mãos dadas. Todavia, surgiu um detalhe que as colocavam ainda mais ligadas, ou seja, a diferença nas figuras do desenho era apenas o tamanho de cada uma. Fora esse detalhe, elas eram exatamente iguais, de modo a mostrar serem representações de uma só pessoa. Nesse sentido, as três figuras apresentavam-se como um desmembramento do referencial metafórico que se apresentava no hábito de sonhar.<sup>2</sup> É a dissolução de qualquer questionamento a respeito das rasuras atribuídas ao Outro. Algo tão categórico que as três pessoas estavam se oferecendo para manterem-no ileso. Viviam, pois, uma espécie de “leseira”, quanto a trama concernente aos seus trânsitos pelas veredas do desejo.

A propósito desse episódio, o registro imaginário do sintoma dava uma forma, na vigília, de um sonhar sobre a reunião de três pessoas, a qual só podia ser rompida pela criança através da agressividade. Nesse sentido, o desenho foi tratado como um relato sobre um sonhei que procurava dar conta de um sonhado, através de uma linguagem ambiciosa de conseguir realizar a ação de unirem-se por uma única boca, a da avó que falava, respondia, explicava e concluía. Entretanto, esse sonhei não é espúrio, mesmo se dando em cumplicidade com a forma mais usual de apresentar a posição subjetiva em relação à alteridade primordial, pois revelava a sustentação do que é interminável, cuja perspectiva é o marmóreo da tradição. A esse respeito, a agressividade mostrada pela menina na escola, lugar oficial para se conviver com o ensinar e com o governar, fazia o papel de rompimento efêmero das mãos que não lhe permitiam sonhar além da sua posição entre a mãe e a avó. Uma fragilidade que deve ser dimensionada como se faz com o relato de um sonhei, ao procurar abranger o sonhado, visando ensinar para o ouvinte uma governabilidade que saliente a competência explicativa resultante da consistência imaginária.

#### O sonhei num relato

Quando alguém afirma a presença de um sonhado em sua mente, enuncia uma apropriação ao dizer o que supõe ser o total ou o que considera mais relevante. Com isso se propõe como um sonhador, de onde partem as raias do sentido articulado no sonhar. Daí, ao afirmar “eu sonhei”, a pessoa está contornando o sonhado, no sentido de dar-lhe uma consistência relativa

---

<sup>2</sup> Trata-se de uma condensação distribuída em três figuras.

à delimitação que separa uma parte, do conjunto formado pelo material onírico, dando a ela o valor fractal que concerne ao todo. É um todo, bem assemelhado ao existente no desenho da criança que se reuniu à sua avó e à sua mãe. Daí, tanto a delimitação constituída por uma única boca, a que pretende dizer o sonhado, como o ideal de totalidade, são formações próprias ao imaginário, principalmente com respeito às sínteses, as quais dão consistência ao eu.

Nesse ponto inicial do relato sobre os sonhos, age-se segundo certos critérios, visando a referida demarcação, cujo objetivo é atuar conforme os parâmetros da consistência. O mais essencial é que o limite seja feito através de certa ânsia em dominar a constituição do enunciado relacionado a um sonhar. É um domínio assemelhado ao que ocorre na neurose histérica, pois, nesta manifestação, há uma tentativa de falar o inconsciente. Em suma, pegar o sonhado, da mesma forma que faz a histérica com o inconsciente, é a constituição primária da linguagem do analítico. Sem esse primarismo, a trama do endereçamento ao analista não lhe permite escutar o registrado no texto de Freud sobre os sonhos, nem considerar o fundamento de se reunir com outros analistas, compondo um campo institucionalizado, cuja imagem mais socialmente válida é a de estarem de mãos dadas, falando por uma só boca.

A dependência a essa primeira constituição mostra o quanto a análise é algo extremamente atual, pois fica sempre relacionada com o “modo popular de pensar”, como foi asseverado por Freud na passagem de 1926, citada no início desse artigo. É preciso que o falante procure, histericamente, dizer o sonhar para que se constitua a relação da linguagem do analítico com a escuta do analista. Entretanto, não se pode ficar retido nesse domínio, pois, senão, o discursante ficará granjeando produzir o saber que, concretamente, se vincula ao conhecimento a respeito do que é situado no lugar de verdade.

A consequência da fixação no domínio do “eu sonhei” é também a articulação do discurso que privilegia o saber, tal como ocorre com o que Lacan denomina de discurso universitário, o qual revela a via sitiante do obsessivo. Assim, o sonhei é envolvido pelas formas histérica e obsessiva, desde que estão sempre baseadas no fato de constituir um imaginário que consiga virtualizar, a seu modo, o outro mundo do sonhado, colocando-lhe no lugar onde ocorrem as leis que ordenam as visões da analogia, cuja presença é garantida no estabelecido como o mesmo lugar.

O mesmo mundo do imaginário vai se entrecruzar com esse outro mundo do sonhado, constituindo uma imagem com dimensões que dão a impressão de estarem tão reunidas quanto as três figuras do desenho acima descrito. É o mesmo que dizer de um ato de governar, absolutamente equiparado ao governado, desconsiderando-os como registros que se entrecruzam, pois nunca estão juntos como elos de uma cadeia. Mesmo assim, o discursante verá sua transmissão pautada pelo ensinei, pretendendo coincidir com o ensinado. É o que leva a considerar o estacionamento da formação do analista nesse estágio do imaginário, como uma forma de vincular-se ao tradicionalismo exigido pela ausência de terminalidade do gozo do Outro. Enfim, a formação do analista requer, pois, que qualquer sonhei seja curvado diante do sonhado, como um referencial simbólico, cuja medida é a da lógica do significante. Trata-se de uma curvatura que desloca a importância da força “sínica” que ordena uma língua, a qual

procura significar toda a expressão usada num discurso, coincidindo o enunciado com a enunciação.

#### O sonhado

Após haver entrado no domínio conservador do “eu sonhei”, o sonhador observa não conseguir muito mais do que um breve registro sobre o que ocorrera no momento pretérito, relativo ao sonhado, em seu contínuo intento de dominar o sonhar. O observado é o estabelecimento de uma fricção entre dois elos que têm atributos e funções diferentes, mas que estão interligados, pois não há um sem o outro. Assim, ao dizer o sonhei sobre um certo sonhado, é colocado em destaque o que já foi, o pretérito, mas atualizado na situação da consciência onírica estar sendo visitada pela linguagem, com sua profusão de signos.

A ligação do sonhei com o sonhado coloca em ação um segundo momento de constituição da linguagem do analítico e a conseqüente escuta do analista. É quando esses dois elos procuram atender à condição de anelamento, a qual comporia uma subjetividade inconsciente, em vista dessa ser inseparável da alteridade concernente ao meio das representações. Vê-se, então, sobre isso, a pertinência do que Lacan afirmou a respeito da natureza tórica da maneira neurótica de lidar com o inconsciente. Nas bases do anelamento entre o sujeito e o Outro, o sonhador considera a possibilidade de vir a falar o sonhado, visto que o imaginário busca realizar a volta demandante em toda a superfície do simbólico.

Trata-se de uma pretensão, mostrada no cotidiano da fala de alguém que procura relatar a totalidade de um sonho para o seu analista. Todavia, não conseguindo realizar essa ação, o imaginário do sonhei passa a ter, com o simbólico do sonhado, um entrecruzamento bem aproximado ao anelamento. Para o neurótico, é a ocorrência do que é “menos ruim”.<sup>3</sup> Não podendo anelar, ele entrecruza, mas de uma forma que parece ser com total conjunção.

É o entrecruzamento, parecendo com o anelamento, que ocorre à margem para se dar o enodamento pelo três real. Assim, esse três é uma ruptura na consistência, proposta pelo imaginário, marcando a relevância do buraco simbólico, a partir da lógica do significante.

Nesse sentido, o “menos ruim” adquire a proporção especular de uma aparência em que a subjetividade se encerra tanto no mesmo como no outro lugar. É a imagem das mãos dadas, referidas no episódio antes mostrado, as quais a avó, a mãe e a neta pretenderam apresentar o quanto elas se tratavam com a unidade de somente vir a falar por uma só boca. Todavia, tal aparência não é tão aprimorada quanto se almeja, pois a criança dava ares de contestação quando, na escola, agia de maneira agressiva. No caso da pretensão do sonhador, o que aparece como algo agressivo é a demonstração de se sentir frustrado em sua ação discursiva.

Tomando a metapsicologia, na curva do endereçamento ao analista, esse entrecruzamento permite ao simbólico uma maleabilidade diversa da exigida somente pelas representações de palavras. A pessoa vai buscar elementos nas coisas apalavradas, posto que nelas, e por elas, o

---

<sup>3</sup> Algo que faz do analisante um grande defensor do liberalismo, tendo em vista a governabilidade do inconsciente

simbólico abraça o imaginário. É a exacerbação da torção que o significante opera nos signos, levando-os para o domínio dessas coisas tomadas pelas palavras.

O que é “menos ruim”, inclina a escuta do analista no sentido da linguagem do analítico, pois, a partir dessa imagem falaciosa, traçando o apalavramento das coisas, o falante abre espaço por onde passa um terceiro registro, o qual diverge do imaginário e do simbólico. O sonhador vai abranger a ordem do que é, enquanto real, o sonhante. A esse propósito, o sonhante é o que caracteriza a constituição subjetiva que enuncia a linguagem do analítico e a escuta do analista, pois “realiza” o inconsciente.

Na via de formação do analista, há também o ensinante, como um registro que decorre do entrelaçamento entre o ato de ensinar (ensinei) e o que é situado na posição simbólica do ensinado. Nesse caso, a linguagem do analítico soará na escuta do analista, conforme a perspectiva subjetiva do enodamento borromeano. É o que se coloca em questão como forma de ler o texto que aborda o analítico. Sem essa margem, o qualificativo da Psicanálise fica submetido a um hábito de leitura que esquece do fundamento, relativo ao fato do analisante falar cada conceito concernente ao rastreamento da escuta do analista. Além disso, se a leitura não for realizada através do parâmetro da borromeidade, o que vai ser divulgado é a Psicanálise, propondo a expansão do seu qualificativo. Algo que foge ao sentido da escuta procedida pelo analista. A divulgação é do analítico, a qual terá como efeito a expansão da Psicanálise.

Com respeito à instituição de analistas, o ato de governar (o governei) terá a tendência de delimitar as conseqüências relativas ao que foi governado. Algo absolutamente pretensioso, pois essa é uma prática que, mesmo nos regimes totalitários, não é atingida. Enfim, qualquer ato de governabilidade não consegue abranger todos os seus efeitos, visto que só a história pode dar os margeamentos da via que fora aberta. Foi o que Eduardo Portela, num arroubo de lucidez, afirmou, anos atrás, que não era ministro, mas estava ministro. Ninguém é um governante que abrange a tradição, ou enoda-a à história que se refere aos fundamentos de uma comunidade. O máximo que se consegue é um conjunto de decisões, cujos objetivos sinalizam a via de endereçamento em direção ao real, presente no lugar Outro do governante.

#### O sonhante

Vindo como três real, o sonhante penetra no espaço realizado pelo simbólico, ao entrecruzar-se com o imaginário, dando a medida plausível da linguagem do analítico e da escuta do analista. Trata-se de um espaço imanente à constituição do simbólico, visto que só existe a partir do momento em que o ser humano coloca o signo como agente em seu discurso, o qual retira o valor do ato somente orquestrado pelo registro imaginário. No entanto, o sentido concernente ao domínio dos sinais e dos signos, o qual ocorre a propósito da suposta animalidade que é considerada através do organismo, pode ser visto como permanecendo no enodamento borromeano, mas havendo a torção operada pelo significante. É a manutenção dos três elementos, garantindo os seus espaços e suas funções.

Ocorre, também, a manutenção do sentido que vem da lógica do significante. É o observado com o que Freud destacou no seu ensaio “Totem e Tabu”, no qual estabeleceu a cobiça de todos em ocupar o lugar deixado vazio pela morte de um pai primevo. Uma ambição debelada pela ordenação de todos terem que obedecer a regra de proibição do clã, tal como ficou marcada pelo totem. Desse modo, o buraco feito com o parricídio foi delineado como devendo assim continuar, mas também observando o registro do totem. É a utilização do campo “sínico” que habita o imaginário, indo instaurar e, depois, manter o buraco simbólico. Dessa forma, o traçado por esse registro não mais atende aos parâmetros que consistem na natureza, mesmo usando-os como elementos inaugurais do simbólico, pois o sonhante indica o lugar outro, contrapondo-se ao mesmo lugar do imaginário, e ao outro lugar do simbólico.<sup>4</sup>

A via trafegada pelo sonhante tem a mesma proporção da que aparece com o ensinante e com o governante. No caso da formação dos analistas, não há como lidar com a transmissão do que conta de analítico na Psicanálise, sem observar que a prática (ensinei) não abrange o ensinado. Haverá sempre um espaço aberto que permite se ver o ensinante despregado daquele que afirma o seu ensinar. Ao lado disso, a propósito das instituições de analistas, qualquer ato diminuto de governar tem que considerar uma distância do sentido do que é governado, permitindo a abertura da via onde se estabelece o real do governante, constituindo a subjetividade relativa à linguagem do analítico, a qual é escutada pelo analista. É a transmissão e a governabilidade na formação dos analistas, intrincadas aos sonhos, que ajudam a fundar as diversas instituições de analistas.

Segundo tal perspectiva, o espaço criado pelo sonhado, entrecruzando-se com o sonhei, ressoa no mesmo diapasão que o do buraco deixado pela morte do pai primevo. Nesse sentido, o simbólico possibilita, com a abertura ao três real, a ênfase no momento subjetivo equivalente ao vivido na horda primeva, após o parricídio. É o três real indicando a impregnação do recalque primordial, na qualificação discursiva, a partir da torção provocada pela morte do pai primevo.

Com essa triangulação, é criado o ambiente adequado para o analítico poder proliferar, na condição de que esses registros mantenham-se ligados por um tipo particular de nó. É o que Lacan formaliza a respeito do que vai do imaginário, pelo simbólico, para o três real, a partir do enodamento borromeano, o qual ocorre na medida da ênfase no que é descrito como um dos mandamentos do cristianismo. É o amar o próximo como a si mesmo. Algo caracterizado pelo fato de que o referido nó somente é mantido quando os três elos estão numa interpenetração. No caso de se romper um deles, os outros dois também desatarão. Daí vem que o sonhei, o sonhado e o sonhante têm uma posição borromeana, através da qual é constituída a subjetividade inconsciente, estabelecendo a linguagem do analítico, enquanto é escutada pelo analista.

Esse é um molde no qual aparecem as ações de reunir e dispersar, colocando a linguagem do analítico e a escuta do analista com seus diâmetros borromeanos. Enfim, o nó borromeano é uma forma de reunir, mas também sustenta, intrinsecamente, o momento em que admitirá o

---

<sup>4</sup> No caso, a figura estilizada do animal serve como um referencial para o totem, e seu conseqüente tabu.

corde, o qual revela o dispersar. São dois movimentos concernentes ao fato de que esse enodamento não se esgota nos três registros relacionados (sonhei, sonhado, sonhante), pois, assim, não haveria como distingui-los. O reunir e o dispersar se colocam, pois, como qualificações relacionadas ao sonhar, como sintoma, e ao sonho, como resto, constituindo a subjetividade a partir da conjunção e da disjunção entre eles.

#### Reunir e dispersar

A triangulação formada pelo nó borromeano, submetida aos movimentos de reunir e de dispersar, será colocada no sentido do critério da exterioridade do endereçamento relativo à alteridade primordial do inconsciente. Por isso, ao escutar o relato de um sonhado, o analista encontra-se submetido a essas ações, na medida em que, respectivamente, coloca-o diante do sonhar e do sonho. Trata-se de duas exterioridades em relação ao nó a três, as quais apresentam-se como indissociáveis, mas também separadas. A esse respeito, ocorre a imersão de qualquer ato analítico no contexto da escuta do analista, desde que a subjetividade inconsciente esteja provocando as exterioridades do resto e do sintoma.

O hábito de reunir é, para a subjetividade inconsciente, um dos fundamentos do sintoma, pois os registros imaginário, simbólico e real são abrangidos em suas qualificações. É o que faz o sonhar ser considerado como integrante de um meio que não intervém na vida dispersa. Por isso, é comum se dizer ter tido um sonho, caracterizando uma possibilidade de não tê-lo, envolvendo o domínio do sonhei imaginário e o sonhante real, mas excluindo a implicação subjetiva concernente ao sonhado simbólico, pois, com este, o que ocorre é da ordem do “fazer” um sonho, na medida do sonhar como um imperativo para a vida humana. Com isso, ocorre a consideração de que não há subjetividade inconsciente sem a alteridade primordial, para onde são endereçadas as representações surgidas a partir do trajeto pulsional.

O real do sonhante é, pois, o que admite a impossibilidade de se considerar o sujeito do inconsciente, como bastando a si próprio. É um sistema sempre aberto, de modo a não atender a expectativa colocada pelo imaginário, cuja via é a de trabalhar através da função de produzir delimitações ou consistências. No momento em que o analista fica inclinado a constituir o ambiente borromeano, cuja medida envolve ter que observar as exterioridades relativas ao reunir e ao dispersar numa leitura, por mais que um autor queira funcionar contrário a isso, esse fundamento é mantido. Nesse caso, não importa que uma autoria diga ser contrária aos parâmetros do analítico, pois o lidar com o endereçamento já pode dar condições para uma escuta do analista.

É o que ocorreu com Kafka, mesmo quando foi apresentado por Guattari. O autor de “A metamorfose” é focalizado em seu interesse pelo sonhar, naquilo que especifica a inclusão do conteúdo onírico na forma literária por ele usada, sem dar margem para a bordagem do analítico. Todavia, existem vários aspectos que não foram considerados por Guattari. Certamente a Psicanálise deu a esse filósofo condições para fazer sonhos intranquilos, quanto a inclinação de Kafka em construir sua autoria com aspectos pessoais, numa produção escrita dispersa e insuficiente para ser classificada, pelo critério mais usual, como uma obra.

## Sonhos intranquilos

Acordar de sonhos intranquilos é sempre um sinônimo de alívio. O sonhador sente que pode se livrar de um estado, vivido no sono, no qual esteve submetido aos incômodos da angústia. Entretanto, no caso de “A metamorfose” de Kafka, esse alívio não aconteceu. É algo já descrito no início dessa novela, ao ser apresentado o seguinte trecho:

“Quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso”.<sup>5</sup>

A escuta do analista, recepcionando essa passagem, terá condições de ambientá-la nas vias borromeanas do analítico. É o que ocorre, ao observar o fazer um sonho, porque se é também feito por ele, delimitando a interferência da exterioridade (inseto monstruoso), como um sentido para a subjetividade imanente à autoria. Nesse caso, não se teve um sonho, mas se é vivido por ele, compondo uma subjetividade implicada pelo que está endereçado no texto.

Tal circunstância permite a que Kafka seja tomado como um autor que possa contribuir para a formação de um analista, pois essa autoria sobre o sonhar encaminha a possibilidade do analítico germinar no literário. Isso ocorre, até porque o dizer que teve um sonho é bem presente em algumas das cartas enviadas por Kafka e em seu diário.

A possibilidade de Kafka ser tomado pelos analistas, mesmo que Guattari indique uma relação entre os relatos de sonhos com algumas produções do autor, mas retirando a inclinação no sentido do analítico, é colocada também quanto ao ensinar e ao governar.<sup>6</sup> Essas ações são bem adequadas porque Kafka pedia, a quem endereçava suas cartas, para descrever-lhe os sonhos, pois, assim, ele e o remetente poderiam dialogar a respeito das referidas produções oníricas.<sup>7</sup>

Para Ottla, afirmou:

“Escreva-me em detalhe sobre o que lhe concerne, fale-me sobretudo de suas preocupações, igualmente de seus sonhos, se o desejar, mesmo à distância isso tem uma significação.”

A indicação do referido filósofo considerou o registrado pelo autor, mas exacerbando a dimensão do “ter” um sonho, de modo a comentar que não se tratava de evidenciar o valor do “fazer” no meio onírico, tal como foi colocado por Freud. Para explicitar o seu pensamento, Guattari situou o interesse de Kafka no espaço não usado a partir da “Traumdeutung”. Salientou que Kafka era voltado para a posição do onírico, mas naquilo que percorria o ambiente do umbigo do sonho, no sentido que Freud usou para caracterizar o domínio de uma

---

<sup>5</sup> A propósito dessa abertura, Modesto Carone afirmou ser intraduzível, pois a expressão “ungeheueres Ungeziefer” (inseto monstruoso), permite a assunção de outros significados, tal como o que não é familiar, gerando um peso para os parentes.

<sup>6</sup> Em 1985, Guattari fez este trabalho, que se encontra inédito nos arquivos do Institut Mémoires de l'édition contemporaine (Imec), em Paris.

<sup>7</sup> Escreve para Grete Bloch, Max Brod, Felix Weltsch, e a sua irmã Ottla. Também a sua primeira noiva Felícia Bauer e a Milena Josenska.

prática exterior à linguagem do analítico. Guattari, supôs, então, uma ênfase na destituição da escuta do analista, pois o indizível tanto exclui a implicação subjetiva, quanto o endereçamento numa análise, os quais apontam também para o dispersar relacionado à posição do resto, de modo a isolá-lo sob o registro do sonhar sintomático.

Nessa explicitação, ocorre que Guattari intervém no âmbito do ensinar e do governar sobre a textualidade kafkiana, os quais colocam o autor como quem realiza uma “pragmática do sonho”. A esse respeito concluiu:

“Nessa perspectiva, parece-me que o lugar ocupado pelos sonhos no modo de produção da subjetividade kafkiana deve ser realçado. Pois, longe de corresponder a um fechamento sobre si, a um qualquer narcisismo, ele marca uma abertura analítica sobre exteriores insuspeitados, aqueles de um certo ‘ar do tempo’, encarnando novos gestos e reflexos de um ‘socius’ cada vez mais submetido ao domínio das burocracias ascendentes.”

Ao indicar que o sonhado vale como “novos gestos”, colocando uma espécie de alternativa ao governar que é propalado pela sintomática das “burocracias ascendentes”, Guattari somente considera a ex-sistência movida pela ação de reunir, admitindo ser essa a única exterioridade a ser contada. Nesse sentido, age como se pudesse governar o texto de Kafka somente pelas hostes da formalização, a qual atribui a posição que obedece à duplicidade envolvendo o que é novo e o que é velho. Assim, não considera que os gestos e reflexos, quando colocados como as únicas formas de exterioridades, referem-se apenas ao domínio do reunir. Ele, assim, coloca Kafka como um autor que constrói sua autoria segundo o viés de questionar os conservadorismos “das burocracias ascendentes”, não observando que vem daí o fato do sonhar poder articular uma amplitude subjetiva, acompanhando a via aberta na textualidade de “A metamorfose”.

Segundo esses pronunciamentos, a caracterização feita por Guattari a respeito de Kafka não abrange o dispersar, o qual trata da exterioridade criada pelo resto ou objeto pequeno “a”, que, no meio onírico, diz respeito ao sonho. A rigor, trata-se de um fora, mas extremamente íntimo ou estranhamente familiar. Algo inscrito como sombra, em cada um dos registros borromeanizados da subjetividade inconsciente. Isso ocorre por conta do sonho ser uma sombra no sonhei, no sonhado, porquanto diz mais respeito às dimensões do sonhante como real.

A confrontação ao que assevera Guattari, pode ser dimensionada até pela abordagem no rastro do filosófico. É a proporção que segue a lógica do exposto por Merleau-Ponty, a respeito da linguagem usada por um filósofo, ao desenvolver o seu filosofar.<sup>8</sup> Ao definir o pensar como não ocorrendo sem os objetos, circunscreve o domínio do que não é pensado, caracterizando a área das sombras. Faz, então, uma ligação entre o que é focalizado e o que não é considerado numa Filosofia.

---

<sup>8</sup> In “Signes”, no capítulo “O filósofo e sua sombra”.

Por fim, a tradição é sublinhada pelo autor de “Signes”, mostrando que o foco em algum hábito repetido à exaustão coloca um sombreado nos constituintes da origem. Assim, a tradição de relatar um sonhei deixa no sombreado o sonho, amparado pelo fato de que o sonhado não o abrange, enquanto vai dar alteridade ao sonhante. É a tradição desconsiderando a importância da dispersão, conforme a “extimidade” do sonho, em relação à reunião da existência sintomática, mas que pode ser considerada através do próprio sombreado no discurso.<sup>9</sup>

No sentido do analítico, o reunir da ex-sistência sintomática do sonhar e o dispersar na extimidade do resto do sonho, formam um eixo que sustenta a linguagem que se oferece à escuta do analista, na medida vinda desde o relato no sonhei, a propósito do sonhado, deixando emergir o três sonhante. Trata-se da proporção que mais se adapta ao transgressivo da pulsão e ao meio das representações, os quais norteiam a prática de inclinar-se no sentido do analítico, visando divulgá-lo. Dessa forma, pode se observar que Guattari não quer Kafka como um autor a serviço do analítico. Para conseguir isso, cria inúmeras sombras, objetivando retirá-lo do contexto em que pode ocorrer a incidência da escuta do analista.

Nesse sentido, a dispersão e a reunião, como duas exterioridades que se referem aos pólos do eixo onde se dá a subjetividade inconsciente, são desestabilizadas, mesmo sendo Kafka um autor até questionado como tendo elaborado, com seus escritos, uma terminalidade formal do literário. Um questionamento referente ao fato dele estruturar a maioria de sua produção de modo inconcluso, chegando a ser até abandonada. Nesse sentido, o que poderia recepcionar a formalização borromeana, obtendo assim uma amplitude quanto a sua inserção no espaço das autorias mais ilustres, fica restrito com a intervenção de Guattari. É o que leva-nos a dizer que esse filósofo não é um leitor kafkiano.

Os sonhos intranquilos vividos por Kafka, ao serem inclinados pelo reunir e pelo dispersar, poderão ser qualificados por critérios que vão além do mero índice de ordenação formal. Vai poder entrar num universo ficcional em que o fragmentário não é objeto de lamentos. Esse viés literário, ao compor seu percurso através da escrita, envolve o privilégio do simbólico como marca distintiva que possui a maleabilidade, a qual é criada pelo reino do significante, cujo trajeto entorta o signo e é situado, no corpo, pelo aletramento da carne. Por isso, é preciso terminar o presente artigo com um fragmento em que, pela letra, o real se incorpora, mas tudo vindo através da posição ocupada pelo significante.

#### A pedra atirada

O ato de inclinar-se, no sentido do analítico, formaliza o desejo do analista, enquanto função determinante para que a linguagem do analítico se refira à escuta. É o que garante ao significante movimentar-se na via formada entre o reunir e o dispersar. Uma perspectiva presente no episódio em que alguém relata um sonho, o qual é voltado para uma só palavra. Essa pessoa disse lembrar ter falado ou ouviu o som articulado da palavra “dilapidar”. Um foco que associou, imediatamente, ao que ocorrera, no passado, com um ascendente direto seu.

---

<sup>9</sup> São dois neologismos que Lacan usa para mostrar os tipos de foras do resto e do sintoma no enodamento borromeano.

Ele havia “dilapidado” os bens da família, levando todos a viverem situações de muita carência. Complementou, asseverando, que esse seu parente foi uma pedra no caminho de quem veio depois dele. Algo que me levou a sublinhar o termo “lápide”, o qual referia-se à origem latina ( lapid = pedra), deslizando para a pedra rúnica que se usa para marcar o lugar de um morto. É o sentido colocado por Jesus, quando afirmou que Pedro era a pedra, a partir do qual se edificaria a igreja católica.

A pedra que marcava um caminho fez esse sonhador se referir ao fato de que as pessoas de sua família lamentavam a morte daquele que as arruinou. Ao contrário, tratavam-no como alguém que só merecia uma punição além da própria morte. Era um decreto que versava a respeito da exclusão de qualquer ponto de referência que marcasse o lugar onde estava enterrado o tal parente morto. Dessa palavra surgiu uma espécie de visão sobre o futuro, tomando o havido no passado. O que se viu foi o aspecto construtível desse futuro, pois tratava-se do sistema aberto que atendia às leis termodinâmicas da Física. Era uma marca que agia como um seguro de vida, controlando a posteridade com o que lhe antecederia.

Nesse sentido, era conclusivo que pelo fato dele ter corporificado a letra relativa ao significante, a pedra deveria ser considerada como algo determinante para essa família, pois fora lapidada, assim como forjara a carne dessas pessoas. É uma referência ao que do sonhante se expressou como letra, a qual veio situar o significante em seu registro simbólico, fazendo esse sonhador lembrar que uma parte de sua família costumava desenvolver, no aparelho urinário, cálculos, os quais consideravam como um grande motivo de sofrimento, reunido-os num conjunto em que podiam ser vistos de mãos dadas, indo inclusive ao mesmo médico de família. A letra na carne, enquanto lugar real que não é articulado simbolicamente com uma linguagem, esteve minimamente referida pela lápide de um morto, colocando-o no futuro de sua família.

O real da letra na carne teve sua inscrição no registro imaginário, sob a forma da reunião familiar, com respeito à repetição dos tais cálculos, de modo a se precipitar no sentido da lápide de um morto. Por isso, a perspectiva imaginária esteve, desde sempre, também compondo a dimensão que concernia à morte. Trata-se da posição ocupada pelo “eu” com relação à função sexuada nos seres humanos. É o que Freud destacou no artigo “Além do princípio de prazer” (1920), concluindo que “o objetivo de toda vida é a morte”, pois “as coisas inanimadas existiram antes das vivas”.

O inanimado na pedra manteve-se na carne em decorrência do fato de que foi inscrita no campo simbólico, o qual é regido pela lógica do significante. A perenidade é, assim, garantida com as precipitações do simbólico na carne. Assim, no contexto dessas assertivas, Freud inseriu a pedra angular que fundamentou a temporalidade inconsciente, enquanto referida à repetição. É o que marcou os sonhos que Freud designou como de punição, realizando o desejar concernente ao supereu ou à instância ideal para o “eu”.

A seguir, no decorrer das sessões, a pessoa que sonhou com a ruína relatou que era marcada pela idéia de destruir tudo o que conseguiu ao longo de sua vida. Por fim, questionou-se sobre

o motivo dela sempre ter o tal parente tão vivo em sua vida. Dava a entender que não tinha sido feito um luto adequado, pois levava a todos embalsamar quem dilapidou o patrimônio da família. Haviam criado um espaço na cadeia significante, o qual era preenchido com os atributos de um dado apego ao que é considerado destrutivo na função urinária, a qual referia-se ao campo das ambições pessoais. São as chamadas “pedras no caminho”, tão repetidas numa poesia de Drummond, que podem servir para marcar um trajeto, para se topar e cair, ou para serem colhidas e lançadas ao ar etc.

O som da referida palavra, como sonhei sobre o sonhado, levou essa pessoa ao domínio real do sonhante, bem destacado com respeito ao reunir, o calcificar sintomático, cujo destaque trouxe a letra articulada ao resto, o qual indicou a dispersão causada por aquilo que não correspondia à imagem, ou seja, o sonho. Daí, é bem condizente à linguagem do analítico que a escuta do analista considere a palavra, inclinada pela ação do significante, como o conduto que leve o analisante para às hostes da letra em sua instância no inconsciente, cuja expressão constitui a subjetividade inconsciente em sua formalização borromeana.

A instância da letra no inconsciente delinea, pois, a razão a partir de Freud, enfatizando que esse aspecto não se retém no espaço relativo à impossibilidade de curar, principalmente quando diz respeito ao tratamento com os sonhos, mas envolve também a interferência da linguagem do analítico nas ações de governar e ensinar, cujas dimensões dizem respeito ao lidar do analista com a sua instituição, e com a expansão da Psicanálise. É um estabelecimento sobre o percurso de formação do analista, atendendo aos parâmetros da análise, da supervisão e das leituras de escritos sobre o analítico, os quais constituem a Psicanálise. É o impossível do sonhar (curar) sem o sonho, do governar sem o governo, e o ensinar (educar) sem o ensino.

Nesse contexto borromeano, a formação do analista adquire os contornos que a especifica, pois deve obedecer aos parâmetros que advêm da prática clínica. Trata-se de inclinar-se no sentido onde está a pedra do real, a partir da qual se coloca o ângulo formado pelo marmóreo do sintoma e pela porosidade do resto. Somente assim é que as assertivas sobre a formação do analista requerem ser ambientadas pelas exterioridades do sintoma e do resto. O sonhar, o ensinar e o governar, articulados ao sonho, ao ensino e ao governo, dão condições para se ver que a ética do desejo somente é inscrita se o for na constituição borromeana de uma escuta clínica.

\*\*\*\*\*

Frase núcleo:

**“As impossibilidades tomadas por Freud remetem o analista para o valor do contraditório.”**